

# Education and Language in Memories of Labour

## Projecto IPG 118 – U. Porto

### Relatório Final

(Junho de 2008)

Carla Silva, Carlos Silva, Ivânia Ribeiro, Joana Rocha e Juliana Cunha

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

## 1. Introdução

O presente relatório tem como objectivo, na sequência do trabalho anteriormente elaborado, analisar, num conjunto de entrevistas, as seguintes construções frásicas: orações passivas, orações coordenadas adversativas, orações subordinadas completivas, concessivas e temporais. Pretendemos, numa fase futura da investigação, elaborar um estudo sobre o uso destas construções sintácticas, nomeadamente no seio da comunidade operária, tentando traçar um perfil sociolinguístico.

Na verdade, a análise destas entrevistas favorece uma problematização do que é explicado na gramática tradicional, permitindo entrever fórmulas de uso oral não contempladas neste tipo de gramática, contudo, não necessariamente erradas. Assim sendo, as definições normativas não se aplicam, *ipsis verbis*, na oralidade.

No que respeita aos recursos utilizados, os classificadores desenvolvidos pelos colegas das ciências computacionais, apesar de necessitarem de reajustes variados, mostraram-se uma mais-valia nesta fase do projecto, uma vez que permitiram identificar no *corpus* as construções sintácticas.

Ao longo deste trabalho serão apresentadas secções numeradas no sentido de permitirem uma abordagem mais objectiva dos temas apresentados.

## **2. Análise das diversas construções sintácticas**

### **2.1 Orações subordinadas temporais**

Numa segunda fase da investigação, que consistiu em ver a adequação dos padrões anteriormente elaborados às narrativas biográficas propriamente ditas, pretendemos analisar as características mais relevantes do *corpus* apresentado.

No que diz respeito às orações temporais, inicialmente ficou muito por referir, já que o classificador das entrevistas, criado e desenvolvido pelos colegas das ciências de computação, necessitou de alguns ajustes. O programa com que trabalhámos destacou uma série de partículas (de acordo com a fórmula ou padrão desenvolvido), supostamente, temporais. Contudo, na prática, ao analisarmos o contexto inerente ao discurso, verificámos que nem tudo o que o classificador assumiu como sendo temporal, o era de facto.

Apesar de termos lido quatro entrevistas, optámos, por estas serem semelhantes quanto ao valor dos conectores apresentados, por seleccionar duas que nos pareceram mais pertinentes para estabelecermos uma comparação.

Atendendo à primeira entrevista (E01), em relação à conjunção ***quando***, observámos que o falante usa frequentemente esta partícula, facto que pode ter alguma relação com a natureza do próprio discurso estar intimamente ligada às memórias, o que talvez obrigue a uma recorrência constante ao conector.

1'. “***Quando*** acabou a escola primária foi para o colégio.”

2'. “ E na realidade tirei, ***quando*** meti a mão na púcara.”

1' acaba por ser um dos exemplos mais frequentes do uso do *quando* nas entrevistas, i.e., verifica-se, tal como prevêm as gramáticas, que, de facto, as conjunções temporais geralmente iniciam a oração subordinada.

Em 2' comprova-se o advérbio anteriormente referido, com a excepção de que a oração subordinante surge primeiro e a subordinada de seguida, o que talvez tenha a ver com o valor semântico implícito, o de realçar o facto de “ter tirado” e não propriamente o de “meter a mão na púcara”.

Outra consideração a reter diz respeito à correspondência temporal entre as orações contidas em 1' e 2'. Assim como estipulam as gramáticas, há uma relação entre os estados de coisas descritos quer na oração subordinada, quer na subordinante. Em ambos os casos específicos, o entrevistado utiliza uma relação passado ↔ passado, o que mais uma vez se justifica por se tratar de uma reconstituição de memórias, sendo natural que os tempos do perfeito sejam mais frequentes.

Apesar disso, dessa correspondência temporal, os estados de coisas descritos, quer na oração subordinada, quer na oração subordinante, não têm o mesmo valor em 1' e em 2'. Enquanto em 1' o valor presente é de sucessividade, uma vez que exprime anterioridade “ *Quando* acabou a escola (...) ” (tempo anterior); em 2' existe, claramente, um fenómeno de “simultaneidade pura”, já que os estados apresentados têm lugar no esmo intervalo de tempo. Já agora, no seguimento desta ideia, permita-nos referir que o falante não utiliza mais nenhum conector temporal que exprima estes valores de simultaneidade ou sucessividade, como são: *enquanto; antes que /de; depois que/de; logo que e assim que*.

Quanto aos conectores de base adverbial, na presente entrevista, encontrámos apenas um, o *sempre que*, evidenciando-se uma quantificação universal sobre os intervalos de tempo:

3'. “Portanto, nós tínhamos, sabíamos *sempre que* avançávamos tínhamos combate, como é óbvio e como os primeiros tiras eram deles, era um sorteio (...)”.

O conector de base prepositiva *até* surge com o intuito de delimitar temporalmente um estado de coisas relatado como, aliás se verifica em 4' e 5':

4'. “ (...) como eu não podia estar no colégio das meninas (...), eu ficava no patronato, indo a empregada levar-nos lá o almoço e onde fui aprendendo **até** à admissão ao liceu.”

5'. “ Não respondeu. Respondeu, (...) portanto, nós temos infantários para bebés e crianças **até** aos cinco anos.”

Na segunda entrevista (E02), à semelhança da entrevista E01, a conjunção **quando** é a mais utilizada, sendo que o valor de sucessividade é o mais frequente, tal como explicitam 6' e 7':

6'. “ Não, no Porto. Quer dizer, a minha mãe em Contumil **quando** era solteira mas depois casou, ficou no Porto.”

7'. “ **Quando** chegou a idade, fomos para a escola.”

Os conectores temporais presentes nesta entrevista com valor de sucessividade **antes de** e **antes que** significam um intervalo de tempo anterior imediato, vejamos o que acontece em 8' e 9':

8'. “ (...) tínhamos galinhas. Galinhas era do meu tempo que eu **antes de** ir para a escola era assim.”

9'. “ (...) eu às tantas estou a ver que me vou embora **antes que** seja o patrão a fechar isto.”

Verificámos ainda a existência do conector temporal **enquanto** mas, contrariamente ao anterior, este último tem um valor de simultaneidade:

10'. “ (...) eu andava ali a correr feita uma louquinha, toda a transpirar **enquanto que** ela vinha de limpar uma sala...”

Em 10', o intervalo de tempo da primeira acção intercepta com o da segunda.

Quanto ao conector de base prepositiva *desde que* parece-nos importante referir que este pode ter um valor condicional, aparecendo portanto, em enunciados hipotéticos, factuais e contrafactuais como exemplifica a frase 11’:

11’. “ e eu como vivia com os meus pais, sempre vivi *desde que* nasci.”

Já em 12’ este assume um valor diferente, podendo, á semelhança do conector *até*, assumir um carácter temporal delimitativo:

12’. “ Era *desde que* eu saía até à hora que entrasse, era assim.”

Curiosa é a utilização verbal, na oração, do modo conjuntivo não havendo uma correspondência temporal dos imperfeitos do modo indicativo entre as correlações estabelecidas pelas conjunções. Na primeira conjunção, a correlação “ era *desde que* eu *saía*” está expressa no imperfeito do indicativo, enquanto na segunda, o falante usa, curiosamente o imperfeito mas do modo conjuntivo, o que enfatiza a incerteza e a imprevisibilidade do tempo, como se fosse sempre assim “entrasse a que horas entrasse”.

No que respeita ao conector de base adverbial *logo que*, parece surgir com um valor condicional:

13’. “Como isso era para limpar o sangue e como nós nascemos muito fraquitas e tal, a minha mãe pronto, *logo que* era acessível, e que as...tinha conhecimento que as pessoas arranjavam isso puro e tal (...).”

14’. “*Logo que* chegássemos a fazer os deveres, ia corrigir.”

Em 13’ verifica-se uma agramaticalidade quanto ao uso da locução adverbial, já que é seguido por um verbo no modo indicativo e não por um no modo conjuntivo, como seria de esperar.

### 2.3 Orações subordinadas completivas

As orações completivas, entendidas como um argumento de um dos núcleos lexicais da frase superior, seja um verbo, um adjetivo ou um nome, são essenciais na reconstituição das “memórias biográficas” dos indivíduos na segunda metade do século XX. Apesar de se saber que as frases subordinadas podem ser seleccionadas por aquelas classes de palavras, destacámos, nesta fase do projecto, as que complementam o sentido dos verbos, relegando para investigações futuras as seleccionadas por nomes e adjetivos.

Assim sendo, e incidindo o nosso olhar na construção frásica, procurámos assinalar se os usos destas orações por parte dos entrevistados correspondem às definições apresentadas pela gramática, já que o que se diz ser é distinto daquilo que se pratica e se utiliza nas situações quotidianas. Os falantes servem-se do instrumento linguístico de forma espontânea e, frequentemente, de forma inconsciente, para comunicar com o outro, produzindo, por vezes, construções não previstas pela Linguística.

Tendo em conta estas afirmações, analisámos as “memórias” no âmbito do projecto de investigação IPG, promovido pela Universidade Popular, com um olhar descritivo e, sobretudo, atento aos principais fenómenos que as caracterizam. Atentemos às frases abaixo transcritas:

- “Basta-lhe dizer que aquilo ao Domingo ia-se para a missa com uma farda que, que elas tinham e que davam às pessoas.” (E01);
- “Eu costumo dizer que nós nunca matamos com ódio (...). Portanto, foi uma campanha dura: disseram-nos que íamos fazer um trajecto de policiamento, digamos assim que seria de, máximo, 5 ou 6...” (E01);
- “Costumo dizer que para a tropa não se deve ir voluntário para nada mas eles foram, portanto estão sujeitos, devem estar sujeitos e eles criaram problemas” (E01);
- “E ela disse que era aquilo, que não podia dar mais e ela tinha pessoas na família advogados...” (E02).

As completivas finitas, ilustradas por estes modelos frásicos, caracterizam-se pela forma finita dos verbos (isto é, os verbos são conjugados no modo indicativo ou conjuntivo). Além disso, a maioria das completivas é introduzida pelo complementador ou conjunção completiva *que*. De uma forma simplista e redutora poder-se-á afirmar que a oração subordinada, nas construções finitas, é precedida pelo verbo da subordinante que a selecciona. No entanto, a observação dos usos linguísticos por parte dos entrevistados favorece a um maior entendimento sobre o funcionamento da língua. Assim sendo, os exemplos, abaixo apresentados, permitem desvelar alguns factos curiosos, nomeadamente a introdução de um modificador adverbial entre o verbo da subordinante e o complementador que introduz a subordinante, sem pôr em causa a sua gramaticalidade, como se pode observar no primeiro exemplo. O segundo exemplo indicia outro fenómeno que pode ser frequente na comunicação oral. A omissão do complementador, assinalada na segunda frase, pode ser justificada pela presença da locução temporal *sempre que*, isto é, o locutor provavelmente, devido à repetição necessária dos dois *que*, sendo um complementador e o outro uma partícula essencial para a formação da locução temporal, assumiu apenas um como suficiente.

- “...digamos *assim* que seria de máximo, 5 ou 6 dias...” (E01);
- “...sabíamos *sempre que* avançávamos tínhamos combate...”(E02)”.

Apesar de não destacarmos mais nenhum exemplo, julgámos ser importante referir estes fenómenos linguísticos por pertencerem ao âmbito oral. Além disso, estes podem ser hipóteses susceptíveis de serem comprovadas por futuras investigações na área de análise das “memórias”.

No conjunto de três entrevistas, todas as completivas finitas são seleccionadas pelo verbo declarativo *dizer*, marca provável do paradigma oral. Outra observação pode ser feita a este respeito, pois nas entrevistas são frequentes o discurso directo e o discurso directo livre, que consiste na transposição do discurso do outro no discurso do locutor, como se observa nos seguintes exemplos:

- «E disse: “Olhe, é muita pena, gostava muito de as ver...” »(E02);

- «E a minha mãe disse: “Pois é senhora professora, mas nós não temos possibilidade...”» (E02);
- «E ela dizia logo: “vamos lá!”» (E02)

Esta forma de configurar o relato do discurso não torna necessárias construções completivas, sendo, por isso, uma explicação possível do uso menor das completivas seleccionadas pelos verbos declarativos relativamente àquelas exigidas por verbos epistémicos (objecto de uma abordagem posterior).

Atendendo à segunda entrevista, a utilização abundante de completivas pedidas por verbos inacusativos (seleccionam um argumento interno que desempenham a função de sujeito), obrigou-nos a tecer algumas considerações. Vejamos os seguintes exemplos:

- «Acontece que ele disse “Não, não. Não faz mal, deixe-as beber...”» (E02);
- “E acontece que depois o meu pai foi internado e quando foi, que nós fizemos, entretanto, acabamos a primária...” (E02);
- “E acontece que naquela altura ele pediu autorização ao, ao médico chefe para vir a casa à nossa comunhão...” (E02);
- “...e acontece que talvez daí, não é?” (E02).

Na verdade, a frequência destas construções poderão ser perspectivadas como formas de organização discursiva e de realce aos acontecimentos relatados. Entendemos poder tratar-se igualmente de um marcador discursivo.

Retomando a noção anterior de que as completivas são seleccionadas em maior número por verbos epistémicos, contrariamente ao que esperávamos, houve, por conseguinte, um maior cuidado na sua abordagem. Assim sendo, e tendo em conta a sua associação à crença e à actividade mental, achámos que deve haver uma relação entre a frequência e o seu significado.

Estes verbos ligados ao conhecimento e à actividade cognitiva poder-se-ão relacionar com duas dimensões na análise das entrevistas: uma ligada ao pendor opinativo do locutor, reflectindo as suas crenças e o seu conhecimento do mundo que o rodeia, e outra associada à reconstrução das “memórias”, procurando representar todas as vivências do passado.

As frases, que se seguem, ilustram a mobilização de saberes necessária para opinar relativamente aos conhecimentos do mundo. Como se pode verificar:

- “Eles achavam que lhes fazia bem (...) Eu achava que era uma maneira de eles, de eles se diminuírem...” (E01);
- “Hoje a vivência nos padres, eu penso...e freiras penso que continua o mesmo esquema”. (E01);
- “Há, há algumas áreas onde já se começa a fazer alguns protocolos com a câmara, e há outros que se tem protocolos com as, as, as...a Segurança Social, que penso que é o mais importante, quer nos infantários, quer no, nos Centros de dia”. (E01)

Paralelamente a estes dados possíveis, achámos que as completivas seleccionadas por verbos epistémicos têm a ver com a tentativa de representar as vivências do passado dos indivíduos. Este processo de reconstrução é condicionado pela incerteza e pela insegurança dos factos que remontam, por vezes, a um tempo longínquo.

Senão vejamos:

- “Era sempre, todos os dias se cantava o hino, e, e acho que até se rezava também! Acho que até nós, até nós, até se rezava um padre nosso”. (E02)
- “Eu acho que é uma mesa a direito, antigamente não, era inclinada, era muito mais jeitoso para a coluna.” (E02);
- “E, normalmente, lá na escola éramos obrigados a beber o leite e acho que tenhamos um pão com manteiga...”(E02)

Como podemos, então, verificar, não há uma assertividade no relato dos acontecimentos, o que sublinha a ideia de actualização das narrativas biográficas dos locutores. Tratando-se de episódios, por vezes, algo difusos, torna-se compreensível o uso frequente dos verbos epistémicos *achar* e *pensar*. O verbo *saber* seguido do complementador *se* confere-lhe o mesmo sentido de dúvida, tal como se observa no seguinte exemplo:

- “Era pouco, ganhava pouquinho, não sei *se* eram por semana 30 escudos ou quarenta”. (E04)

Ainda no quadro dos verbos epistémicos, considerámos essencial sublinhar como nota que o verbo *ver* assume, em determinados contextos um valor epistémico, como se pode observar:

- “E *vejo que* os professores eram muito mais atentos e muito mais preocupados que hoje”. (E02);
- “É a população que *via que* era interessante...”(E01).

Trata-se de uma evolução semântica interessante, uma vez que o verbo *ver* pode ser sinónimo de entendimento, em determinados contextos.

Em síntese, foram esplanadas algumas considerações relativas às completivas nas entrevistas. No entanto, muitas pistas de investigação poderão, com mais tempo, ser encontradas na análise das “memórias”.

### 2.3 Orações subordinadas adversativas

No relatório anterior, verificámos que a conjunção adversativa *mas* é a mais utilizada e, de facto, nesta fase da investigação, esta constatação mantém-se. Aliás, à excepção desta conjunção, apenas temos a ocorrência de *no entanto*, que surge duas vezes, na primeira entrevista (E01). De resto, *contudo*, *todavia* e *porém* não nos parece que façam parte do discurso oral, pelo menos neste caso.

No que diz respeito ao conector *no entanto*, verificámos que este surge em duas frases:

- “É, é, é, *no entanto*, já há muitas dezenas de colectividades em que a presidente da direcção é uma mulher, em coisas que normalmente é de homens” (E01);

- (...) Aglutinações de gente em termos económicos na altura do início, mais de, mais de... frágeis do que (...) *mas, no entanto*, estão muito bem colocados e não causam gueto nenhum.” (E01).

Curioso é notar que ambas as frases podem ter um valor semântico, ligado com os pré-conceitos da sociedade. No primeiro caso, temos um entrevistado, homem, que nos diz ser possível vermos mulheres a ocuparem funções (Presidente da Direcção) normalmente ao encargo de homens, contrastando assim, a sociedade actual com a do passado. Isto denota o facto de esta situação, apesar de anómala, pode ser uma tendência da sociedade actual.

Na segunda frase, não parece haver um verdadeiro contraste, visto termos apenas a referência de que existe pessoas em situações económicas não muito favoráveis, estando “bem colocadas” e não causando qualquer problema. Contudo, ao analisarmos pormenorizadamente a frase, é possível verificar que este entrevistado está, de um certo modo, influenciado pela actualidade, segundo a qual, a maior parte da população vive em condições económicas desfavoráveis, habitando em bairros sociais problemáticos. Daí a necessidade de colocar uma conjunção adversativa.

É de salientar, ainda, a utilização de dois conectores em simultâneo com valor adversativo, por duas razões: primeiro, porque surge isoladamente no universo das entrevistas seleccionadas e, depois, por que é uma situação prevista e aceitável pelas gramáticas, pelo facto de serem dois conectores com compatibilidade semântica. Com efeito, parece ter sido uma utilização propositada, com o objectivo de reforçar a ideia proferida, manifestando uma certa surpresa.

A propósito do conector *mas*, este surge com três valores distintos: com o efectivo valor de conjunção adversativa, ou com valor de marcador discursivo ou suporte do discurso, ou, ainda associado a uma pressuposição semântica, frequentemente inter-relacionada com os pré-conceitos da sociedade. Para o demonstrarmos, retiramos três exemplos de cada, um de cada entrevista.

Assim sendo, para a utilização de *mas* com valor de conjunção adversativa, temos como exemplos as seguintes frases:

- “ (...) Acabei por nascer lá é... *mas* fui baptizado e registado aqui no porto.” (E01);

- “ E a minha mãe doméstica, estudava *mas* teve que deixar os estudos porque faleceu-lhe a mãe.” (E02);
- “ Que hoje não há, não há essa amizade. *Mas* nós vivíamos quase uns em cima dos outros.” (E03).

Trata-se, efectivamente, de situações regulares de utilização da conjunção adversativa. No primeiro caso, contrasta-se o facto de ter nascido em Lisboa com o ter sido registado no Porto, local onde vive. No segundo caso, são factores de contraste o facto de a mãe ter estudado até ao segundo ano da faculdade e, posteriormente, ter desistido. Por último, é contrastado o valor da amizade do antigamente e o do agora.

Relativamente ao uso do *mas* com valor de marcador discursivo ou de suporte de discurso, podemos ver as seguintes frases:

- “ Para mim foi uma novidade e foi... *mas* muito agradável.” (E01);
- “ Não *mas* como eu digo, o meu pai...” (E02);
- “ Não a minha mãe era de Braga e o meu pai era de Penafiel, *mas* a minha mãe veio muita menina, com sete anos, servir para o porto, portanto... e ficou cá. E o meu pai (...) eu nunca soube a idade que ele veio para o Porto, mas penso que ele também deveria ter vindo novo.” (E03);

Estes exemplos são casos em que a utilização da conjunção pode ser desnecessária tanto para a construção frásica, como para a compreensão do seu sentido. No primeiro exemplo, não há qualquer oposição entre novidade e agradável, pois o entrevistador não diz, em momento algum, que as novidades são, para ele, desagradáveis e, de igual modo, não está estabelecido, por nenhuma convenção, que as novidades têm de ser, exclusivamente, desagradáveis. No segundo caso, a conjunção surge claramente como suporte de discurso ou, por outro lado, como elemento que coadjuva a retoma a linha de pensamento antecedente. O último caso é, de certo modo, ambíguo, visto que, num primeiro momento, associámos o valor de contraste que a conjunção nos transmite ao facto de a mãe vir muito nova e, pelo contrário, o pai, eventualmente, não. Contudo, parece-nos que esta conjunção não apresenta um valor

contrastivo mas copulativo, no sentido em que liga duas informações similares. Era como se o interlocutor dissesse que a mãe veio muito nova e o pai também.

Em síntese, como vimos, a utilização de *mas* pode ser associada a uma marca do oral, pois, trata-se em muitos casos, de uma forma de retomar o discurso ou, por outro lado, de o suportar.

Por último, nas situações que se apresentam mais difíceis de descodificar, são os casos em que se pode inferir da frase uma pressuposição semântica, a partir da conjunção adversativa *mas*. Para exemplificar estes casos apenas nos deparámos com dois exemplos:

- “O meu pai só tinha a 4ª classe, *mas* foi um bom aluno.” (E02);
- “Era muito difícil, e ela era um homem muito, era, ele hoje não faz nada, porque é reformado, *mas* foi sempre um homem que tinha muito jeito para tudo...” (E03).

Ora, a frase retirada da entrevista E02 deixa transparecer a ideia de que as pessoas, cujas habilitações literárias vão apenas até à 4ª classe, não são boas alunas. Esta ideia não é o que acontece, de todo, na realidade, aliás, na época em que o pai da entrevistada frequentou a escola, acontecia, regularmente, que deixassem de estudar, pelo facto de as condições económicas não serem as mais favoráveis à sua continuação.

Por seu turno, no exemplo extraído da entrevista E03, a entrevistada afirma que antes de o seu pai se reformar “tinha muito jeito para tudo”. Assim sendo, o que nos parece é que como o seu pai se reformou, deixou de ter esse mesmo jeito.

Em conclusão, a coordenação adversativa é uma construção frásica utilizada, regularmente, pela comunidade de entrevistados. No geral, o uso do *mas* está de acordo com as gramáticas, porém, como vimos, o seu verdadeiro valor de contraste é, por vezes, deturpado ao serem postos em jogo algumas ideias pré-concebidas pela sociedade, o que nos leva a ter em conta o contexto frásico e social. Este facto, aliás, justifica a ideia de que, em muitos dos casos, através da utilização deste tipo de frase, é possível entrever determinados aspectos acerca da pessoa que a utiliza, nomeadamente o contexto social em que se insere. Por outro lado, a frequência com que o conector *mas* é

usado como marcador ou suporte de discurso, justifica o facto de este ser um conector comumente utilizado no discurso oral.

### 2.3 Orações Subordinadas Concessivas

No respeitante às concessivas, verificou-se pouca frequência no uso destas orações por parte dos entrevistados.

Numa das entrevistas (E03) ocorre a conjunção concessiva *embora* com esse mesmo valor, por duas vezes:

- “ Porque estive com ela, de vez em quando encontramos-nos, eu gosto de reaver assim o passado *embora* ela na altura me *tentasse* tramar e aí o meu pai então dizia: “ Eu quero que vocês descontem para o sindicato.”
- “...demo-nos como duas irmãs, ainda hoje somos amigas, *embora* ela não esteja cá (...).”

No primeiro exemplo verificámos claramente que há uma concessão “pura”, digamos assim, com a flexão do verbo no modo conjuntivo. Aqui há efectivamente a expressão de uma ideia contrária à normalmente esperada face à nossa concepção do mundo, ou seja, a implicatura a tirar daqui será que a entrevistada gosta incondicionalmente da pessoa que recorda, por pior sorte que essa outra lhe desejasse.

No segundo exemplo há igualmente o valor da concessão expresso pela mesma conjunção.

Uma outra conjunção introdutória de concessiva - *apesar de* - foi encontrada, por duas vezes, na entrevista (E01), sendo que na presença desta partícula o modo usado é o infinitivo não flexionado:

- “ ...o português (...) relacionava-se com toda a gente, quer com brancos, quer com pretos, quer...*apesar de haver* racistas, como era óbvio, não é?”

- “...cultivavam café também e trocavam às vezes o saco (...) por um dos copos de bagaço, *apesar de* no meio de tudo isto *haver* gente honesta, não é?”

Parece-nos bem realçar a curiosa pressuposição semântica presente na segunda frase, a de que quem bebe não é, geralmente, “gente honesta”.

Não será demasiado arriscado concluir que as concessivas são, de maneira geral, pouco usadas pelos entrevistados e até, possivelmente, por grande parte dos portugueses. Mais se afigura perigoso concluir, face à falta de dados históricos e sociológicos dos entrevistados, a relação entre o uso destas conjunções e os dados biográficos dos implicados.

## 2.4 Orações Passivas

Na ausência de uma fórmula eficaz que nos permitisse identificar com precisão as orações passivas nas entrevistas seleccionadas, procederemos à análise destas construções frásicas numa fase posterior da investigação.

## 3. Conclusão

Mediante o que foi apresentado, podemos concluir que as nossas conclusões são, de facto, inconclusivas, aliterações que reforçam a ideia de que ficará sempre muito por descobrir, ou antes, quanto mais se descobre, mais se tem vontade de questionar, problematizar e inter-relacionar as variáveis em análise.

Convém salientar ainda que, quando investigadores de diversas áreas se cruzam com um mesmo objectivo, se torna por vezes difícil o diálogo, apesar de enriquecedor e frutivo. Sendo assim, e como dependemos dos dados biográficos dos entrevistados que os colegas de ciências estão a desenvolver, conclusões mais precisas em relação às condições sociais, de formação, etárias e dialectais dos intervenientes tiveram de permanecer, apesar da nossa aguçada curiosidade, em *stand by* até ao momento.